

A PRÁTICA DOCENTE COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

Fabiana Alzira Ramos – *Mestranda em Cultura Visual, FAV/UFG*
Fabialazira@hotmail.com

Dr^a. Leda Guimarães – *Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual, FAV/UFG*
leguiba@hotmail.com

Resumo

Nesta pesquisa buscamos compreender as possibilidades de experimentação estética no contexto do conhecimento individual dos acadêmicos do curso de Educação Física, através de narrativas visuais identificando relações entre o trato com o conhecimento específico da Educação física e o conhecimento específico das artes visuais. O trabalho se constrói a partir do seguinte argumento: a experiência estética se desenvolve através da apropriação de experiências culturais vividas pelos sujeitos; estas experiências se originam de situações de aprendizagem vividas nas práticas culturais tais como - artes plásticas, cinema, teatro, música, dança, etc. - conciliando processos em que aprendizagens do cotidiano vão sendo confrontadas aprendizagens de caráter formal.

Palavras chave: narrativa visual, cultura corporal, cultura visual

Abstract

In this research we try to understand the possibilities of aesthetic experimentation in the context of individual knowledge of Physical Education undergraduate students through visual narratives which may identify relations between the way knowledge specifics are dealt in Physical Education and the knowledge specifics approached in the arts visual. The work is developed based on the following assumption: aesthetic experience is developed through appropriation of cultural experiences lived by subjects; these experiences are originated in learning situations lived in cultural practices such as: visual arts, sculpture, cinema, theater, music, dance, etc.

Keywords: visual narrative, body culture, visual culture

Introdução

Em agosto de 2007, durante uma aula da disciplina Fundamentos Metodológicos da Ginástica, propusemos para os alunos do curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia de Goiás (ESEFFEGO) a construção de uma narrativa visual que tivesse como ponto de partida a história da Educação Física e a história da ESEFFEGO. Foram apresentados aos acadêmicos, como referências bibliográficas para a elaboração do trabalho, os livros *Educação Física: Raízes européias e Brasil, Corpo e Cultura*, ambos escritos por Soares (2001).

Ao contrário das minhas expectativas, o resultado dos trabalhos chamou minha atenção. Fomos surpreendidas com narrativas sensíveis e poéticas, algo não muito comum para o cotidiano de acadêmicos do primeiro período do curso de Educação Física, já que o conjunto das representações sociais que legitimam a área esta fortemente ligada a questões de ordem técnica e não estética. Este episódio nos levou a refletir sobre a forma de conduzir a prática pedagógica e a refletir sobre certos

componentes didáticos, tais como: o papel que os professores das licenciaturas não ligadas às artes vem desempenhando frente à questão da imagem? O lugar da crítica no processo de ensino aprendizagem? Como tem sido tratada a questão da criatividade? Como são aproveitadas as experiências trazidas pelos alunos?

Nesse contexto de formação de professores, em especial no curso de Educação Física da ESEFFEGO, situamos esta escrita pedagógica. As considerações introdutórias que apresentamos sugerem o seguinte questionamento: *como a prática docente no curso de Educação Física da ESEFFEGO pode se articular com as artes visuais com o objetivo de promover a experimentação estética?*

Trazendo esta experiência para o arcabouço das referências teóricas apresentadas na disciplina *Abordagens Multiculturais do Ensino da arte*, ressaltamos o fato que o conceito de experiência estética está relacionado às possibilidades conceituais acerca do que podemos entender como arte. Isto fica claro se recorrermos a Shusterman (1988). O autor entende a arte como uma prática sociocultural historicamente determinada que não se sustenta apenas pelos objetos artísticos, mas, fundamentalmente, relacionada aos seus sujeitos porque são eles que alimentam a sua prática, são os realizadores e os receptores das obras de arte. Portanto, podemos abordar a arte

como a prática complexa de outras práticas que se desenvolvem e transformam ao longo da história, a arte deve ser definida, não em termos de uma essência fixa, mas em termos de uma narração histórica coerente que explique e sustente sua unidade e integridade. A forma precisa desta narração deve ser sujeita a revisões, não apenas para autorizar as obras futuras, mas porque o trabalho de narração constitui em si uma prática aberta e controversa, a saber, a crítica da arte (SHUSTERMAN, 1988, 32).

A posição adotada neste trabalho baseia-se no seguinte argumento: a experiência estética se desenvolve através da apropriação de experiências culturais vividas pelos sujeitos, experiências oriundas de situações de aprendizagem de manifestações da cultura como: artes plásticas, cinema, teatro, música, dança, etc. conciliando processos em que aprendizagens do cotidiano vão sendo confrontadas as aprendizagens de caráter formal.

Ao responder a problematização desta escrita, nosso objetivo é: 1) refletir sobre as possibilidades de experimentações estéticas no contexto do conhecimento individual dos acadêmicos do curso de Educação Física que apontem para uma formação crítica, criativa e sensível; 2) identificar no trato com o conhecimento específico da Educação física (cultura Corporal), pontos de articulação com o conhecimento específico das artes visuais (cultura visual).

A Narrativa como Prática Criativa nas Aulas de Educação Física

As imagens influenciam as nossas vidas de maneira simples ou complexas nossa interação com esse novo mundo – tecnológico – pode provocar sensações contraditórias como prazer e incômodo.

O elemento desafiante é transformar essas informações trazidas pelos nossos alunos em conhecimento, valendo-nos de novas práticas pedagógicas. Entendemos que este desafio pode nos ajudar a encontrar a chave para abriremos portas de diálogos entre diversas áreas de conhecimento, como por exemplo, corpo, estética, arte, cultura, história, ciência, etc.

No universo da linguagem tecnológica a imagem exerce uma força de atração bastante significativa sobre os sujeitos. Com seu poder de sedução a imagem nos envolve em construções de escritas que às vezes nem percebemos. Uma das propostas desse trabalho é dar vazão a esse potencial criativo que os alunos possuem e em muitas situações o processo pedagógico desprezado em nome de uma racionalidade do discurso que o conhecimento acadêmico engendra e privilegia. Para discutir essas possibilidades de relação propomos um dialogo aberto entre a cultura visual e a cultura corporal.

Cultura visual e cultura corporal são construções que podem cruzar ou entrecruzar diversos campos e referencias, configurando universos de estórias com diferentes formatos: uma narrativa, varias narrativas ao até mesmo uma hiper-narrativa explorando o fato de que a “imagem é uma elaboração complexa plena de significados e interpretações que depende de uma rede de informações, convenções sociais que não opera de modo linear” (MARTINS, 2007, 6)

Os cruzamentos dessas fronteiras objetivas e subjetivas abrem espaço para narrativas individuais ricas em conteúdos simbólicos e identitários podendo minimizar a força e influência de sistemas discursivos globais e hegemônicos. Essas inter-relações podem gerar deslocamentos conceituais e críticos sugerindo outros caminhos para discutir realidades sócio-culturais. Esses deslocamentos podem, ainda, contribuir para instituir

a necessidade de estudar a imagem numa perceptiva transdisciplinar, buscando estabelecer relação entre imagem, idéia, lugar e tempo analisando processos de representações como objetos de construção e interpretação de significados. Analisando e discutindo, também, a manifestação de significados no fluxo de interação imagem, intérprete, contexto, propondo alternativa para uma compreensão e construção de idéias, conceitos, sentidos e processos simbólicos (MARTINS, 2007, p. 2).

Assim, esses processos de representação e subjetividade inaugura a interação entre a educação para a criatividade e a experiência estética, compreende-se nessa perspectiva que a identidade e a subjetividade fazem parte de conteúdos importantes para novas elaborações de processos criativos na prática docente dos professores de Educação Física. São esses elementos, que entrelaçados como o cotidiano gerador de múltiplas aprendizagens dos conhecimentos vividos, vão fecundar o processo criativo.

A Narrativas e seus Conteúdos

Desde a minha formação acadêmica, as estruturas metodológicas que fugiam do convencional, promoviam em mim uma aprendizagem mais prazerosa, na medida em que associavam os conteúdos específicos às artes plásticas, cinema e passeios ecológicos. Estas situações de ensino traziam valiosas experiências estéticas que se tornaram fundamentais na composição do cabedal de conhecimentos que levei para a minha prática profissional.

Dessa forma, no papel de professora passei a desenvolver situações de ensino onde os conteúdos sistemáticos e a-sistemáticos pudessem compor um complexo campo de associações que permitisse aos alunos a construção de representações acerca da realidade. Uma delas eu nomeei de *experimentação didática*, entendida como o processo pelo qual os alunos para além de assimilar conteúdos, tenham a possibilidade de construir situações que resultem em novas práticas pedagógicas da

cultura corporal. A cada semestre buscava algo novo, como poesias, passeios a museus, lanches coletivos em diferentes partes da cidade, visitas a campos de trabalho, trabalhos fotográficos, etc. A mais importante das atividades foi denominada Sarau Pedagógico. Nela os alunos são estimulados a construir coreografias gíminicas a partir de sub-temas que entrecruzam narrativas de diferentes expressões artísticas tais como: o circo, a dança, o teatro, as artes plásticas, o cinema, a fotografia e a música.

No segundo semestre de 2007 ocorreu a experiência objeto deste texto. Na ocasião iniciamos um dialogo com os alunos localizando-os no espaço acadêmico, encarando a universidade da como

um dos lugares da formação de profissionais de arte e de seu ensino, [onde] espera-se que esses profissionais estejam bem preparados para interagir em contextos culturalmente plurais e híbridos; para reconhecer as instâncias ideológicas de dominação que determinadas formas culturais exercem umas sobre as outras; e para identificar como “construções” estéticas e pedagógicas todas elas valorativas, são transmitidas como totalidades. Os jogos estéticos e pedagógicos são centrais no ensino de artes (GUIMARÃES. 2005, 115).

Na citação acima, a autora se refere à universidade enquanto espaço formador de arte-educadores, mas sabemos que os jogos *estéticos e pedagógicos* também fazem parte da formação do professor de Educação Física. Talvez, a diferença entre ambos (professor de Educação Física e arte-educador) esteja no trato com o corpo, na maneira como esse corpo é percebido.

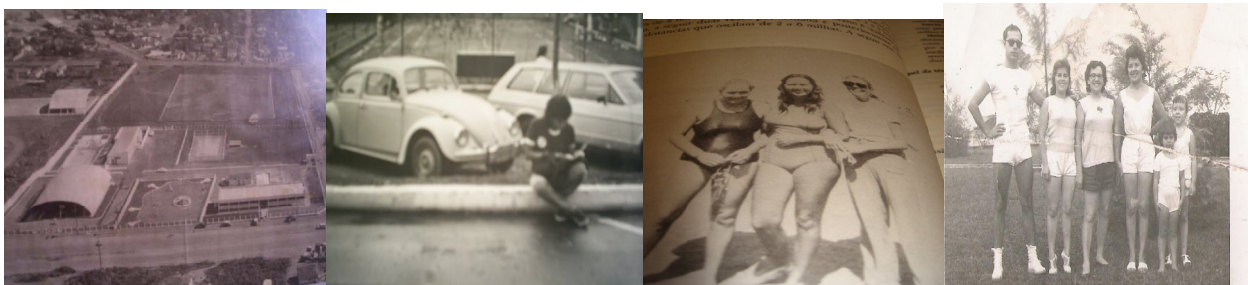
O próximo passo foi construir com os alunos um repertório, agora específico da área focando o trato que a Educação Física dá ao corpo enquanto objeto de conhecimento. As referências foram os livros *Educação Física: raízes européias e Brasil; Corpo e História*. A partir desse momento os grupos foram organizados para algumas tarefas como fazer pesquisas de imagens na internet, pesquisar materiais e fotos da ESEFFEGO, entrevistar pessoas com história importante na instituição. Também solicitamos que conhecessem um pouco mais da história de Goiânia visitando o museu Pedro Ludovico Teixeira e o Museu Antropológico - a exposição *Lavras e Louvores*.

O resultado das tarefas realizadas pelos grupos foi surpreendente. A experimentação estética resultante da proposta culminou em narrativas bem elaboradas para os padrões de alunos do primeiro período. As atividades abriram espaço para

evidenciar a importância da relação entre cada aluno e a possibilidade de construir vínculos com uma identidade profissional da Educação Física a partir de momentos ou aspectos da própria trajetória.

Na apresentação das narrativas alguns alunos se emocionaram ao saberem sobre a história da Educação Física, sobre a cidade de Goiânia e ao se depararem com a construção consciente de suas próprias histórias. Como exemplo, podemos citar o trecho de música usado por um dos grupos para finalizar narrativa: "... e nossa história não estará pelo avesso assim sem final feliz; teremos coisas bonitas pra contar; e até lá, vamos viver, temos muito ainda por fazer, não olhe pra trás, apenas começamos, o mundo começa agora..." (RENATO RUSSO).

Escolhemos trechos de outras três que nos chamaram bastante à atenção:



Recorte das narrativas apresentadas pelos alunos do curso de Educação Física na disciplina de Fundamentos da Ginástica na turma de primeiro período do segundo semestre de 2007. A relação entre imagem e formação de professores será discutida a partir do conceito de Cultura Visual, partindo da compreensão de que as imagens são espaço de interação entre sujeito e sociedade e não apenas como elemento de transmissão de idéias e significados. Nessa perspectiva a imagem ultrapassa o seu valor estético, ela é valorizada pelo conteúdo subjetivo, entendendo desse modo que o seu papel social esta na arena da cultura (MARTINS, 2007).

Experimentação Estética Enquanto Prática Pedagógica

Vamos agora tentar entender como se relaciona a arte e o sujeito, e como esse esquema pode ser direcionado para uma educação do corpo pensada a partir de uma concepção de beleza nos cursos de Educação Física.

O que é belo? Porque é belo? Em busca dessas respostas nos reportamos a Duarte (1994), quando diz que somos tentados a acreditar que a beleza se encontra nos objetos, como se fosse uma qualidade inerente a eles, onde uns podem ter essa qualidade e outros não. Ou então, podemos pensar também que a beleza reside exclusivamente em nossas mentes, e que através dela a nossa consciência aleatoriamente decide que isso é belo, ou que, isso para mim não possua beleza alguma.

O belo não reside nem nos objetos nem na consciência dos sujeitos, mas nasce do encontro dos dois. A beleza se coloca entre homem e mundo, entre a consciência e o objeto. A beleza habita a relação. A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe/que dou às coisas em troca do agrado que me dão (DUARTE, 1994, p. 57).

A racionalidade humana (conceitual) fecha as portas para a linguagem da sensibilidade, mas a arte nos traz a chave com a qual abrimos a porta dos nossos sentimentos através da beleza. Nesse sentido, a obra de arte não tem a função de comunicar significados (conceituais), e nem é para ser pensada e traduzida em palavras mas serve para expressarmos sentidos e senti-la.

A arte nos conecta ao campo dos sentidos, possibilitando um encontro com o nosso próprio eu, nela, novas olhares são lançados sobre o mundo e principalmente sobre nós mesmos. Por isso, vale a pena atentarmos para a seguinte questão: os sentidos expressos pela arte são resultados da experiência estética (DUARTE, 1994). A experiência estética transforma os sentidos concretos em manifestações subjetivas num dado momento sócio-cultural da história.

O sujeito espectador da obra de arte vivencia esse fenômeno ao se colocar frente a ela, tal como quando nos deparamos diante de um quadro, uma música, um filme, uma peça de teatro, uma dança, um artesanato, etc. Contudo, nesse momento a consciência apropria-se do objeto estético sem a mediação da linguagem conceitual, ou seja, “no momento desta experiência, ocorre como uma suspensão da vida cotidiana, uma quebra nas regras da realidade” (DUARTE, 1994, 58). No instante da suspensão a vida pára momentaneamente, esquecemos da nossa realidade, esquecemos dos problemas, do trabalho, dos compromissos e apenas sentimos.

Segundo Shusterman (1988), a experiência estética é um caminho possível para a construção da autonomia tanto da arte, quanto do sujeito. A satisfação agradável

quase que irresistível que essa experiência provoca no sujeito, apresenta uma grande contradição no que diz respeito ao valor da arte. O autor critica a arte entendida numa visão instrumental, onde o sujeito pode ser desassociado da obra, questão que gera discussões na atualidade. Para tanto, a experiência estética não está presa às práticas artísticas pautada na racionalidade instrumental, ela pode construir seu próprio caminho, inclusive para a autonomia. Esse caminho pode ser sustentado por narrativas sócio-históricas, responsáveis por práticas esclarecedoras. Nessa perspectiva a experiência estética pode representar uma reorientação para novas práticas artísticas mais elaboradas atingindo principalmente uma grande parcela de pessoas na sociedade. “É evidente que as experiências estética não se limitam ao domínio da prática artística historicamente estabelecida, ela existe, em primeiro lugar na apreciação da natureza, inclusive nesta parte da natureza que é o corpo humano” (SHUSTERMAN, 1988, 38).

A experimentação pode ser uma atitude de descentralização de poder e principalmente um passo para a construção de sujeitos criativos. A pluralidade e a diversidade podem ser garantidas na prática pedagógica dos professores valorizando a identidade, a apropriação de nossas histórias e dos nossos repertórios estéticos, oriundos das mais diversas experiências.

Criatividade – Um Espaço em Construção nas Aulas de Educação Física

Os estudos sobre processos criativos são recentes, surgiram na década de 50 do século passado. Os trabalhos de pesquisa nessa área localizavam-se em sua maioria no campo da psicologia, onde a preocupação principal era identificar indivíduos criativos, destacando a perspectiva mais individualizada do sujeito, desconsiderando questões mais amplas como os processos sócio-históricos de cada um.

Nesse primeiro momento o autor que teve destaque nas suas produções foi J. P. Guilford (1978). Segundo Kehrwald (2007) as pesquisas avançaram e podemos citar alguns dos pesquisadores considerados expoentes nessa área, Deleuze, Derrida, Maturama, etc. Esses autores trouxeram também outros enfoques, incluindo uma perspectiva mais social do sujeito, ampliando a compreensão do processo criativo sobre tudo na educação. Um dos problemas mais recorrentes em quase todas as pesquisas foi: como surge o sujeito criativo?

Tentando responder essa questão, iniciaremos entendendo como se concebem os processos de criação. Ostrower (1990) entende que criar pressupõe entender, elaborar e concluir a sua própria consciência, transformando a conclusão elaborada em linguagem. Portanto, a criação depende das subjetividades de cada sujeito que a elaborou ou a re-elaborou, tornando-os responsáveis por ela. O processo de criar está ligado às relações simbólicas que o sujeito estabelece com a essência da criação, ou seja, com o processo pré-simbólico ou pré-verbal que se materializa na associação entre o repertório vivido e a sua relação com o mundo, isso é traduzido através da linguagem (DUARTE, 1988). Assim, o “indivíduo criador é justamente aquele que dirige sua atenção a seus sentimentos, para depois expressá-los por meio de símbolos e de novas relações simbólicas” (DUARTE, 1988, 97). No novo paradigma sobre o processo criativo, entende-se que cada sujeito pode criar, e que o elemento principal é a sua experiência, o dia-a-dia, seus desejos e também o processo educacional, por isso, entendemos que o processo criativo pode ser aprendido. É nessa fundamentação que nos apoiamos para apontar novos caminhos para formação de professores mais criativos e sensíveis, onde o processo de criação percorre toda a vida, (KEHRWALD, 2007).

O processo criativo pode contribuir na prática pedagógica docente tanto na construção da sensibilidade humana quanto na compreensão do *ser/estar cultural*. Segundo Martins (1998), a transformação de novas consciências estéticas pode ser impulsionada pela educação dos sentidos, a possibilidade de sentir, ver, ouvir, cheirar e apreciar desperta no sujeito um olhar singular para a uma outra consciência sobre o mundo, estabelecendo novos modos de sensibilidade.

Se nos aproximarmos dos conhecimentos específicos da Licenciatura em Educação Física e das especificidades da Licenciatura em Artes visuais podemos identificar inúmeros pontos que se articulam. Um deles tem a ver com impasses pedagógicos e estéticos vivenciados por ambos. Este fato nos remete a interações singulares e plurais entre elementos pedagógicos e estéticos, abrindo portas para uma formação cultural e híbrida, entre as duas áreas do conhecimento. Ao perceber melhor o próprio ato de educar – aí não importa o corpus de conhecimento – observamos que criação e criatividade estão sempre em torno desse processo. Quando aprendemos ou

estamos criando, essas estruturas simbólicas dão significados aos novos conhecimentos, permitindo interpretar a situação e conduzir nossa ação, resultando, assim, uma atitude teleológica. “Assim a própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer” (DUARTE, 1988, 18).

São essas articulações que levamos em conta para responder a questão proposta neste trabalho: *como a prática docente no curso de Educação Física da ESEFFEGO pode se articular com as artes visuais, no objetivo de promover a experimentação estética?* Avaliamos, ainda, que a incorporação dos processos criativos e da experiência estética na formação de professores de Educação Física pode contribuir para o desenvolvimento de uma educação mais humanizada. Nesse sentido a educação se constitui como investimento na formação cultural do sujeito, proporcionando uma educação dos sentidos, aspecto este, na maioria das vezes, desconsiderado no ensino formal e também nos cursos de formação de professores. Com isso podemos e devemos utilizar os repertórios estéticos trazidos e traduzidos pelos alunos.

A educação dos sentidos desperta novas consciências estéticas proporcionando práticas pedagógicas novas, sensíveis, criativas e críticas. Essas novas formas de ensinar edificam um novo tecido social, instaurando-se através do intercruzamento de conhecimentos, se expandindo à medida que se constrói um novo sujeito.

Referências

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 2ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

_____. **Por que arte-educação?** 7ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

GUIMARÃES, Leda. Variações em torno dos jogos estéticos, artísticos e pedagógicos no ensino “superior” de artes visuais. In: Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual, FAV/UFG. vol. 3 n. 1, Goiânia, 2005.

GUILFORD J. P. et al. **Creatividad y educacion**. Buenos Aires: Paidós, 1978.

KEHRWALD, Isabel Petry. **Processo Criativo:** para quê? Para quem? Jornal Arte na escola, Boletim 4, ed. de primavera, São Paulo, setembro de 2007.

MARTINS, Mirian Celeste et al. **Didática do ensino da arte:** a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

MARTINS, Raimundo. A Cultura Visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas de ver. MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA (Org.), Arte, Educação e Cultura. Santa Maria, RS: editoraufsm, 2007, pp. 19-40.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física:** raízes européias e Brasil. Campinas, 4ª ed.: Autores Associados, 2001.

_____(Org.) **Corpo e História.** Campinas: Autores associados, 2001.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística.** Rio de Janeiro: Campus, 1990.

Fabiana Alzira Ramos é Professora da Universidade Estadual de Goiás – ESEFFEGO e Mestranda em Cultura Visual na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás – UFG Título da dissertação: CULTURA VISUAL DO CORPO FEMININO EM GOIÂNIA. Kursou Especialização em Educação Física Escolar, no ano de 2001, pela Universidade Federal de Goiás, UFG e concluiu a graduação no ano de 1998 em Licenciatura Plena Em Educação Física na Universidade Federal de Mato Grosso, UFMT.

Leda Guimarães é Doutora em Artes pela Escola de Comunicação e Artes – ECA da USP, mestre em Educação e Linguagem pela UFPI. Professora da faculdade de Artes Visuais da UFG. Atua na Licenciatura, na Especialização em Arte Contemporânea e no Mestrado em Cultura Visual.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.